

**Aparecer não é problema,
mas os problemas não desaparecem:
ativismo gay, humor e visibilidade na era digital**

*To appear it is not a problem, but problems do not disappear:
gay activism, humor and visibility in the digital age*

Maria da Conceição Silva Soares

*Jornalista (PUC-RJ), licenciada em Ciências Sociais (UFRJ), mestre e doutora em Educação (UFES) e pós-doutora em Educação (UERJ). Professora adjunta da UERJ, atuando na Faculdade de Educação, no Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED).
ceicavix@oi.com.br*

João Barreto da Fonseca

*Jornalista, professor, mestre em Estudos Literários (UFES) e doutor em Comunicação e Cultura, na linha de Tecnologias e Estéticas (UFRJ). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED).
jombarreto@gmail.com*



Resumo

Há muito tempo, dentro do movimento LGBT, argumenta-se que a visibilidade é uma estratégia de confronto. Levando em consideração postagens na internet, diríamos que aparecer não é mais problema, mas os problemas não desaparecem. Neste texto, apontamos mudanças nos regimes de aparição, entrelaçando questões que dizem respeito à comunicação, à educação e à problematização da heteronormatividade. Lançamos mão de exemplos díspares do universo em rede, destacando imagens e comentários de internautas, na tentativa de pensar processos do ativismo gay (organizado ou não) na contemporaneidade. Argumentamos que a democratização no uso de recursos de produção e distribuição de imagens possibilita a emergência do humor como forma de resistência à normalização dos gêneros e da sexualidade nos corpos.

Palavras-chave: Redes digitais. Imagens. Humor. Resistência.

Abstract

Long ago, in the LGBT movement, it is argued that visibility is a confrontational strategy. Taking posts on the internet into account, we would say that to appear is no longer a problem and that problems have not disappeared. In this paper, we point out changes in appearance schemes, intertwining issues related to communication and questioning the heteronormativity. We employ different examples of networking universe highlighting images and comments from internet users in a attempt to think gay activism processes (organized or not) nowadays. We discuss that democratization in the use of resources, production and distribution of images made possible the emergence of humor as a form of resistance to gender and sexuality normalization in the bodies.

Keywords: Digital Networks. Images. Humor. Resistance.

Introdução: o corpo para além da pele

A democratização na produção, distribuição e recepção de imagens disponibilizou aos usuários de internet cenas inusitadas dos cotidianos, retirando de regiões de sombra imagens tabus. Primeiramente, houve a impressão de que um tesouro soterrado (com sua contraparte de lixo) tinha alcançado a superfície da vida digital. Porém, algumas fortalezas, como a televisão, permanecem como sólidas bastilhas e, apesar de sua pequenez diante do universo em rede, conquistá-las soa como uma estratégia. Resultam desse processo as articulações em rede em torno dos beijos gays nas novelas, como em *Amor à vida*, cujo capítulo final foi ao ar no dia 31 de janeiro de 2014, e mais recentemente em *Babilônia*, cujo primeiro capítulo foi ao ar em 16 de março de 2015.

Enquanto isso, nas redes digitais, beijo gay não é novidade e, embora ainda seja tabu, não sinaliza mais para um momento solene, como quando as famílias e os casais pousavam para as lentes das máquinas fotográficas tradicionais (caras e de difícil operação, utilizando filmes que precisavam ser revelados). Voltando o pensamento para as fotos antigas, vamos lembrar pessoas arrumadinhas, porque fazer imagem era um evento pomposo que requeria preparação, dedicação e concentração. Da fotografia analógica (“fotografia de filme”) à digital (processo baseado em dígitos, zeros e uns), passamos por diferentes sistemas de produção e transmissão de conteúdos. No regime atual, além da perda da solenidade, a velocidade e, muitas vezes, a simultaneidade na captação e distribuição tornam-se constituintes da imagem e pertencentes ao jogo cênico de ver e ser visto. O que seria um beijo gay perto de imagens que circularam na rede mundial de computadores registrando um ritual de iniciação aos novos soldados do exército tailandês, em que jovens se dedicam a lambem leite condensado do corpo de outros jovens e simulam relação sexual?¹

Diante disso, questionamos: que mensagem esse tipo de vídeo está nos passando? Quais as relações entre ele e o que Butler (2013), utilizando Foucault, denomina de “ideal regulatório” de gênero e da sexualidade?

O corpo, para além da pele, nas redes sociais, experimenta associações tão complexas quanto a própria internet, ou seja, conexões, projeções, transfigurações, performances, ao mesmo tempo agenciadas e imprevisíveis. O corpo é a matéria na qual o discurso produz fenômenos, regras, pactos, metamorfoses, condutas e constrangimentos, nunca correspondendo a

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fz_AxXR9W7c>. Acesso em: 14 mar. 2015.

uma instância estática. Por ter sido relacionado ao sexo, isto é, à produção da diferenciação sexual por meio da classificação das pessoas a partir dos genitais, constitui, segundo Butler (2013, p. 154), “um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo”. Conforme a pensadora, o sexo nunca é algo que alguém tem, mas algo que “qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2003, p. 155), porque a manifestação do sexo está em consonância com a regulação de práticas identificatórias. Aquilo com o qual não se identifica se torna o abjeto. Então, o conceito de identidade carrega consigo a abjeção.

Butler (2013) argumenta que a identificação com o sexo, na formação do sujeito, produz uma rejeição, um repúdio. Porém, o abjeto não é algo que está no exterior, mas que foi colocado para fora no processo de formação do sujeito, de identificação. Nesse sentido, podemos convocar Freud (1986), que, em seus trabalhos sobre estética, em torno de *O homem da Areia*, de E. T. A. Hoffmann, argumenta que o estranho não se classifica como algo desconhecido, mas como familiar. Para reforçar seu ponto de vista, destacou a semelhança entre as palavras alemãs *Unheimlich* (estranho) e *Heimlich* (doméstico ou familiar) e os esforços da arte na tentativa de separar o grotesco do belo, o imoral do elevado. Nietzsche (2008, p. 164), pensando a construção da glória e da virtude, avalia que “a moral é tão imoral quanto qualquer outra coisa sobre a Terra”. Butler (2013, p. 155) também investe na indissociabilidade entre as duas instâncias, na constituição do sujeito pela força da exclusão e abjeção: “uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está 'dentro' do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio”.

Os comentários de usuários do Youtube sobre o “trote” militar são uma evocação ao ideal regulatório e mais ainda uma convocação ao campo de força que as palavras militar, exército e masculino delimitam. Por essa razão, os internautas reivindicam todo um universo de exclusão. “Homens vão ao serviço militar para aprenderem a agir como homens. Se vão para se tornarem femininos não há razão para isso tudo”² (tradução nossa). Esse comentário deixa escapar, no entanto, uma dúvida em relação à naturalidade da heterossexualidade, que necessita de instituições para ensiná-la, nesse caso, as forças armadas. Os xingamentos e a repressão aos atos praticados no vídeo resultam em reivindicação de fronteiras, de fixidez e de superfícies, como também evocam a inegabilidade do sexo e, conseqüentemente, o pensamento

² “Men go to military to learn to act more like men! If you go there to become more feminine, there is no reason to go there at all”.

que gira em torno de haver sempre modelos e versões performativas e, ainda, a criação de seres abjetos como efeito da matriz excludente com a qual os sujeitos são formados. A teatralidade da performatividade nos vídeos, como estratégia ou como resposta aos movimentos repressivos, esconde sua historicidade (BUTLER, 2013) ou carrega virtualidades (LEVY, 1996a) que ampliam seu sentido ou partilham uma consciência que se perde ou se exalta (BLANCHOT, 2003). Para Butler (2013, p. 164), um discurso formativo sobre o corpo “significa afirmar que não existe nenhuma referência a um corpo puro que não seja, ao mesmo tempo, uma formação adicional daquele corpo”.

A partir de Blanchot (2003) e do vídeo e dos seus comentários, é impossível inferir capacidade organizacional de uma comunidade digital como coexistência gregária, como requer Levy (1996b). Além disso, relativiza-se a ideia de uma esfera pública (HABERMAS, 1999) global uníssona que incorpora, de maneira estratégica, a fusão de seres como número. De Habermas (1999), aproveitamos uma fala mais útil para nossa questão: a história da comunicação poderia ser entendida como a história da velocidade de transmitir informações. Desse modo, os elementos de encenação e pose não desapareceram, muito pelo contrário, juntaram-se a outros itens, tais como a surpresa, o descuido, as postagens não propositalis devido à falta de técnica no manuseio dos aparelhos e a imagens decorrentes da ação de vigilância. Mas como isso se relaciona com a questão de gênero? As fronteiras entre o masculino e o feminino, como não são naturais, e sim naturalizadas, precisam sempre ser vigiadas e estar sobre constante patrulhamento. Assim, uma série de imagens, fixas ou em movimento, no mundo digital, por serem velozes, captam pessoas, de surpresa ou não, em suas versões “menos publicáveis”, apresentando imagens que são alternativas às políticas de higienização, ao controle das práticas cotidianas e às articulações em torno do padrão de beleza (FOUCAULT, 2006). Os pressupostos, na velocidade da captação, transmissão e recepção, estão sempre sendo desarticulados, por isso a importância da comunicação para os estudos de sexualidade e gênero.

Visualizações e resistência

No videoclipe, muito popular no Facebook e no Youtube³, adolescentes tailandeses criam uma versão de *Oh, Holly Night*, tradicional canção de Natal, famosa na voz de Mariah Carey. Em todos os vídeos da mesma canção, acentua-se o tom religioso, em que alguns apresentam corais com cantores de

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MxjGKKqplUg>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

batas, organizados em filas divididas por naipes de vozes. Na versão tropical tailandesa, o menino, conhecido por suas versões de divas, caminha sedutoramente, num corredor de rapazes, insinuando-se ou acariciando os presentes. Os meninos se mostram indiferentes à passagem do sedutor pelo corredor, até que, ao chegar ao último, o menino-diva solta um agudíssimo provocando o desmaio do parceiro. O vídeo tem um efeito cômico magistral porque sua encenação tem pouco a ver com as versões anteriores e com o tema da música, que é glorificar o Natal.

Não parece que os meninos estão militando no sentido político tradicional, mas, mesmo assim, amolecem conceitos cristalizados, tais como: sedução como pertencente ao mundo adulto (não há adulto no vídeo), existência de uma massa que recebe e aceita os conteúdos sem recriá-los (a “canção sagrada” transforma-se em diversão erótica, numa apropriação de sentido desvinculada do original) e divisão entre movimentos corporais femininos e masculinos (atribuição dos valores do corpo a partir da definição de gênero). Como afirma Butler (2013, p. 154), “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta”. Nesse pequeno vídeo, o processo de comunicação é um campo de criação, de resistências, de invenção e de variação, porque está muito além de tentar buscar um reconhecimento a partir de uma forma preexistente.

Heidegger (2001), versando sobre a experiência do tempo na modernidade, acredita que não é possível se unir instante (como sensação) e cognição. Para o filósofo, o presente somente pode ser sentido quando se torna passado. Arriscamos aqui a ideia de que, na atualidade, alguns vídeos vão além desse pressuposto teórico, apresentando a dimensão estética da sensação e da cognição (podendo ser permeados pelo discurso, pela ideologia) simultaneamente. Ao mesmo tempo, por serem vídeos, são processos e veículos e, por serem digitais, virtualizações, passagens e interfaces. Nesse sentido, Johnson (2001) argumenta que a sensibilidade torna possível o trânsito de informação e, por esse motivo, esse tipo de vídeo inspira outros vídeos, comentários, memes etc., cumprindo a função de gerar visibilidade pela heterogênesse, formas díspares que se tornam convergentes (JENKINS, 2009) no universo em rede. Esse tipo de vídeo é como filmes de guerra (VIRILIO, 2005, p. 27), “a partir do momento em que está apto a criar a surpresa técnica e psicológica”. Diferentemente de Heidegger, Virilio (1996) argumenta que o espaço encolhe e os lugares desaparecem em função do progresso da velocidade. Devemos relativizar essa pressão do tempo sobre o espaço, uma vez que as questões LGBT, embora afetadas pela esfera pública internacional, encontram-se territorializadas: na Tailândia, três homens se

casaram em cerimônia budista⁴; no Brasil, filho de pais gays morre depois de espancamento⁵; e, no Irã, homem para escapar à morte e se relacionar sexualmente com outro homem é obrigado a fazer cirurgia para mudar o sexo⁶. Tais questões são multiplicidades que tornam uma identidade queer muito problemática, mas apontam para uma inteligência coletiva (LEVY, 1996b), em que os pontos de vista sobre discussões locais são ampliados a partir de exemplos de uma esfera global.

Toda sociedade cria relações singulares de correspondência entre mérito e reconhecimento. A democratização dos modos de produção, exibição e recepção, de certa maneira, pulveriza esse sistema, criando brechas para a aparição de anônimos, sem nenhum parentesco anterior com a fama. O que Baudrillard (2004) denomina de grau zero ético, de modo bastante negativo, quando se refere aos *realities shows*, mesmo não duvidando da fluidez entre o banal e o extraordinário, podemos aqui, diferentemente, considerar um avanço democrático, por liberar usuários de tecnologia digital do mundo inteiro para a experimentação de uma alteridade de si, para a autopromoção em celebridades instantâneas. Mesmo considerando o esforço teórico maravilhoso de Baudrillard (1999) sobre o esvaziamento do signo imagético e a impossibilidade do valor representativo da imagem, porque o real passou a ser modelizado conforme um modelo que o precede (que é a própria imagem), há que se fazer uma ressalva nesse pensamento quando o assunto é a militância. Os argumentos de Nichols apresentados por Rezende (2013) ajudam a pensar em que sentido a realidade perdeu sua antecedência em relação aos signos que deveriam representá-la. Nichols (*apud* REZENDE, 2013) sustenta, contrariando Baudrillard, por exemplo, que, mesmo a invasão de Granada sendo comunicada como simulação, “os mortos e desastres de guerra seriam uma prova de que ainda há um real [...]”. Então, passando para a questão LGBT, há nas imagens veiculadas, mesmo obscurecidas por simulações, uma série de virtualizações, memórias e intenções que estão além do apresentado e que geram efeitos variados na vida real da comunidade LGBT.

⁴ Joke, de 29 anos, Bell, de 21, e Art, de 26, trocaram votos em uma cerimônia no estilo de um casamento tradicional no Dia dos Namorados, em sua casa, na província de Uthai Thani, na Tailândia. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/aceito-aceito-aceito-aceito-tres-homens-se-casam-em-uniao-triplice-na-tailandia-15472929#ixzz3UDedosjy>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

⁵ Morre jovem de 14 anos que estava em coma desde a semana passada após ser espancado. Peterson de Oliveira foi agredido por ser filho de um casal homossexual. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/filho-de-pais-gays-morre-apos-ser-espancado.html>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

⁶ O Irã é um dos poucos países em que atos homossexuais são punidos com a morte. Clérigos, no entanto, aceitam a ideia de que uma pessoa pode estar presa em um corpo do sexo errado. Gays podem ser forçados a se submeter a uma cirurgia de mudança de sexo – e para evitar isso, muitos fogem do país. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/11/141105_ira_gays_hb>. Acesso em: 10 mar. 2015.

Visibilidade, intimidade e espetacularização

Paula Sibilia, em suas pesquisas sobre as interações entre as tecnologias digitais e o corpo, tem ajudado a pensar questões relativas à intimidade. “Não me venha com intimidades” era um notório aviso sobre os limites do sagrado, que foram alargados com as tecnologias digitais. Paula Sibilia (*apud* TRIGO, 2008), em entrevista sobre o seu livro *O show do eu: a intimidade como espetáculo*, entusiasma-se com a afirmação: “o modelo de intimidade baseado na vida interior de cada um foi substituído por outro, em que as pessoas só existem se vistas pelo outro”. Mesmo considerando que os modos de exposição da intimidade ajudam a edificar processos de subjetivação mais compatíveis com o mundo atual, a afirmação da antropóloga soa excessiva, por não considerar modos desviantes aos sistemas em redes digitais, como, por exemplo, as redes analógicas e os modos de associação baseados nos encontros entre as pessoas. Além disso, quem garante que as exposições de si exibem, necessariamente, uma intimidade? Quem garante, por exemplo, que todas aquelas fotos e vídeos expostas no *site* Criança Viada apresentam realmente momentos de intimidade? É possível afirmar que uma intimidade se tornou tão externa a ponto de ser capturada tão facilmente? Quem garante que esses *sites*, mesmo aleatórios, não são zonas de militância, de recados, de diversão e de veiculação de diversas outras vozes que permeiam os discursos das fotos e vídeos? Um vídeo, permeado por muitas vozes, já que a polifonia é parte essencial de toda enunciação (BAKHTIN, 1996), não colocaria a intimidade como paradoxal, uma vez que se torna coletiva?

As tecnologias digitais também permitem uma rápida edição da visibilidade, cujos aplicativos de melhoramento de imagem estão cada vez mais automaticamente ajustáveis. Filmes como *Show de Truman* (Peter Weir, EUA, 1998) e (Ron Howard, EUA, 1999) mostram que as pessoas observadas têm noção de comunicabilidade dos veículos que as observam, portanto fabricam uma intimidade espetacularizada, o que, justamente, Sibilia (*apud* TRIGO, 2008) chama de “extimidade”. Em vídeo postado nas redes sociais, numa cena mais ou menos calculada, dois rapazes são “flagrados” dançando no canalial ao som de *É proibido cochilar*⁷. Em *off*, risos e vozes garantem que eles não estão sozinhos e que estão dançando para uma plateia, não havendo necessariamente uma intimidade.

Sibilia (*apud* TRIGO, 2008) acredita que o espaço privado da “interioridade psicológica” era o eixo sobre o qual se construía a subjetividade.

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tPI70cprkA>. Acesso em: 10 mar. 2015.

Nesse vácuo deixado por esse espaço interior, “é preciso aparecer para ser alguém”. A força da frase soa como uma sentença e, se aplicada aos vídeos e fotos de adolescentes gays na internet, podemos dizer que nem toda postagem tem a intenção de marcar a existência por exibição de uma aparição. Nem parece que a intimidade estaria ameaçada por uma distinção entre essência ou aparência, uma vez que podemos entender que essas duas instâncias da subjetividade são conjugadas e não distintas de maneira definitiva.

Embora concordemos que as definições de espaço público e privado sejam sociais, consideramos que é muito difícil historicizar a intimidade. Para Sibilia (*apud* TRIGO, 2008), “a privacidade e a intimidade eram necessárias para poder ser alguém, para se tornar um sujeito moderno e estar em condições de produzir a própria subjetividade”. Ainda que esse “sujeito moderno” seja uma abstração teórica que ajude a estudar marcos dominantes, podemos imaginar, por exemplo, uma figura como Frida Kahlo como uma grande linha de fuga, por exibir a intimidade do corpo e suas marcas materiais, além de suas virtualidades afetivas, às quais o panorama de intimidade moderna como recolhimento e segredo do sujeito não se aplica.

Os acionistas vienenses (Wiener Aktionisten) da década de 1960 formaram um dos movimentos mais radicais na exploração do corpo comunicativo e suas intimidades. “As ações oriundas dessa maneira de pensar quase sempre envolviam mutilação corporal, sexo sadomasoquista, esquarteramento de animais e práticas misóginas, todas executadas para a câmera, às vezes com observadores (público), quase sempre sem” (RUSH, 2006, p. 48). Não demoraram a entender que a intimidade não está na superfície do corpo e muitas vezes tais ações aparentemente radicais são dramatizações de processos sociais correntes, o que faz dos filmes pornô algo tão distante da intimidade. Contudo, diferenciar pessoa, que vive a solidão de suas narrativas, e personagem, que conta com alguém à espreita, como faz Sibilia (*apud* TRIGO, 2008), não parece dar conta de entender a intimidade, uma vez que não há barreiras entre as pessoas e os papéis que desempenham. As pessoas também se constituem com suas performatividades. Um vídeo sobre Ryland Whittington⁸, a menina que aos cinco anos se tornou menino, fez muito sucesso nas redes sociais e soa mais como uma campanha em prol de um modo de vida do que uma exposição de intimidade. As notícias informavam que uma das primeiras frases formuladas por Ryland, que nasceu menina (isto

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LcgCiy-AMxU>>. Acesso em: 13 maio 2015. O vídeo tem pouco mais de 7 minutos e é editado com a intenção de mostrar o acolhimento da família no processo de adaptação e transformação: a mudança de nome, do vestuário, as reações dos pais, o acolhimento dos avós. As legendas explicativas transmitem as informações que escapam das imagens

é, com vagina, sendo assim generificada) e adotou a identidade de um menino aos cinco anos, foi “eu sou um garoto”. Nas palavras dos pais de Ryland: “A identidade de gênero de Ryland não foi provocada pelo nosso jeito de criá-lo, nossa estrutura familiar ou fatores ambientais”.

Judith Butler (*apud* COLLING, 2011, p. 8-9), embora considere a identidade problemática, devido à fixidez e modelizações de comportamentos, entende que essa reivindicação é um caminho para o direito à diferença, que se expressa através da liberdade de escolhas e de orientação sexual, gerando direito à cidadania. Os problemas de identidade são discutidos por vários autores na coletânea de textos *Stonewall 40 + o que no Brasil?*, organizada por Colling (2011). Butler (2013) vai além e propõe a desnaturalização do gênero. No quesito cidadania, o vídeo tenta sensibilizar outros pais a respeito da identidade da criança. Bem editado e explicativo, mostra o passo a passo da compreensão dos pais e a mudança da criança. Não apresenta espontaneidade, mas cálculo e estratégia de visibilidade programada. Além disso, tem alcançado seus objetivos, a notar pela popularidade na internet e pela participação dos pais e da criança em diversas redes temáticas de apoio e solidariedade, como, por exemplo, a premiação dos pais no 6º Harvey Milk Diversity Breakfast, no qual Ryland subiu ao palco de terno e gravata, dizendo: “Meu nome é Ryland Whittington. Eu sou uma criança transgênera”⁹.

A partir dos vídeos comentados, soa um tanto ingênuo imaginar a possibilidade de captar algo tão delicado como a intimidade e compartilhar com internautas, de forma fidedigna, por meio de um olhar instrumentalizado. Afinal, intimidade não é algo que se deixa depreender com cliques e postagem. Se o termo “interioridade psicológica” não deu conta da intimidade, pode ser que a intimidade esteja resistente, combinada aos artefatos do mundo que escolhemos para nos relacionar, utilizando talvez os paramentos tecnológicos para se tornar mais complexa e profunda.

Humor e problematização da heteronormatividade

Como podemos relacionar humor e ativismo? O primeiro ponto é o contágio, uma vez que o humor torna o espectador sensível a uma realidade apresentada e que não necessariamente está disposta da maneira que é observada correntemente. Esse contágio, na era digital, tem sua tradução ampliada a partir do conceito de interface – algo interessante, diferente, não

⁹ Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2014/06/pais-mostram-em-video-a-transformacao-de-filho-transgenero-de-6-anos/#>>. Acesso em: 14 mar. 2015

habitual, torna-se um viral. A curiosidade, a estranheza, a indignação fazem as pessoas distribuírem informação, marcarem amigos, entre outras ações de contato. O humor, segundo Schopenhauer (2005), suspende os efeitos de realidade, revoga momentaneamente a sensação de ordem e congruência da vida cotidiana. O filósofo utiliza a palavra incongruência para dizer que não existe uma relação perfeita entre pensamento e realidade. O sério, segundo essa teoria, seria uma aparência. Para efeito dos nossos estudos, colocaremos o sério como o caráter enganador que estabelece um acordo entre a realidade e as representações repressivas e dominantes. No vídeo *Dois homens no canavial*, o riso advém do desacordo com a proposição preestabelecida de que homem não rebola e não dança com homem, de que operário é bruto e indelicado. No vídeo, homem com homem não dá lobisomem, mas dá animação e forró. Os risos atestam para esse aspecto, bem como desinstalam a matriz da heteronormatividade, que opera, segundo Butler (2003, p. 38), a partir da organização de visibilidades e discursos, na tentativa de criar uma lógica de previsibilidade entre sexo, gênero e discurso. Quando as experiências não correspondem à coerência, conforme Butler (2003), nem à congruência, de acordo com Schopenhauer (2005), que foram constituídas socialmente a partir de dispositivos de repressão, de humor, de informação etc., há espaço para criação de novos modos de composição da vida.

A TV e o cinema, em escala global, porém com exceções, operam organizando e difundindo valores heteronormativos, cristalizando percepções. No entanto, a internet tem sido o local de práticas e performances que exploram os limites do gênero, desafiando o prestígio socialmente construído em torno da heteronormatividade. Um bom exemplo é o canal de humor Porta dos Fundos¹⁰, que já conta com um vasto repertório de vídeos curtos, cuja intenção é despertar para a incoerência/incongruência da heteronormatividade como reguladora da orientação sexual. Platão (2004), em *A República*, desaconselha o riso, porque acredita que o humor trazia o mito, que, por sua vez, destruía os alicerces da filosofia por introduzir o paradoxo. É justamente esse paradoxo, como figura de pensamento, que põe em dúvida a matriz hegemônica com sua instituição dos comportamentos naturais e do que é moralmente aceitável.

Os vídeos das crianças da Tailândia, assim como o dos homens dançando no canavial, parecem, a nosso ver, ferramentas de enfrentamento,

¹⁰ Canal do site Youtube criado em agosto de 2012 por um grupo composto por cinco sócios: Ian SBF, Antônio Tabet, Fábio Porchat, Gregório Duvivier e Vicente Costa. Do ponto de vista da comunicação, os vídeos apresentam curiosidades. São bastante híbridos: feitos em HD, com técnica cinematográfica, câmera estável, mas curtos como esquetes e divulgados no Youtube, na internet, onde todos os vídeos se encontram disponíveis.

mesmo sem essa intenção, produzindo brechas em toda a maquinaria de padronização identitária. De maneira mais organizada, com intenção clara de investir contra os dispositivos biotecnológicos de produção de subjetividade sexual, os vídeos produzidos pelo coletivo Porta dos Fundos utilizam o humor, não raramente com finais inesperados, para garantir o choque entre uma representação tradicional e uma outra possibilidade.

No vídeo chamado *Cura*, que já conta com mais de seis milhões de acessos, um rapaz, notoriamente gay, aparece diante de Jesus e solicita um milagre. O estereótipo é evocado para criar identidade. Esse rapaz, chamado Sandrinho, fala da bata e do cabelo de Jesus, mas antes declara o seguinte: “Eu tenho um fogo incontrolável dentro de mim, me queimando por dentro, que não aguento mais. Não aguento mais, Senhor. Preciso de ajuda”. Após receber uma espécie de passe de Jesus, o rapaz diz: “Estou ótima, 100 por cento”, no feminino. Os discípulos olham para Jesus, desconfiados. Esse comportamento leva a entender que os discípulos estão pensando: “Como houve cura se a bicha continua pintosa?”. Jesus, como que pressionado, declara: “Gastrite”. Esse era o fogo incontrolável. Jesus, como um ser distinto e de posição elevada (é visto pelos enquadramentos numa posição superior aos demais), jamais pensaria em homossexualidade como doença.

Em outro vídeo intitulado *Debate*, questiona-se a demonização da homossexualidade em campanhas eleitorais que se utilizam de estereótipos mais vulgares para promoção de pontos de vista conservadores. Um candidato acusa o outro de, apesar de ser homofóbico, ter relações sexuais com outro homem. No seu tempo de resposta, o outro candidato se defende dizendo que é penetrador de vagina. Quanto “àquilo” (ele desenha com um gesto um pênis), ele diz não ter conhecimento. No entanto, na sua defesa, caracteriza o pênis e a feição de forma tão perfeita que o espectador é levado a crer que “o candidato da família brasileira” é um verdadeiro praticante de sexo oral com homens.

“Ser xingado de bicha, gay, sapatão, travesti, anormal ou degenerado é a experiência fundadora da descoberta da homossexualidade ou do que nossa sociedade ainda atribui a ela, o espaço da humilhação e do sofrimento” (MISKOLCI *apud* COLLING, 2011, p. 9). O vídeo batizado de *Viado* tem justamente a proposta de transformar essa experiência traumática em força política de resistência, que é também, segundo Miskolci (*apud* COLLING, 2011), um dos temas da proposta queer. Num bar, um homem esbarra no outro derramando cerveja na roupa. Irritado, um chama o outro de viado, que aceita o xingamento: “Eu sou viado mesmo” e dá outros detalhes de sua prática sexual para exemplificar e enfatizar sua identidade com o que se estabeleceu chamar

de viado. O agressor não aceita e tenta convencê-lo de que ele é heterossexual. Curiosamente, o “viado”, no calor da conversa, acaba chamando o então agressor de filho de uma puta, que revida dizendo que é mesmo e conta detalhes da vida sexual de sua mãe. Os personagens se livram do peso das identidades, que estão relacionadas a algum tipo de opressão cultural. Quando não são vistas como agressão (como os gays que se tratam com os termos com os quais são xingados), perdem o sentido. O vídeo brinca com a nomeação na produção de sentido, como no filme *Cidade dos Sonhos*, de David Lynch, em que, em um determinado momento, o diretor troca os nomes dos personagens e ninguém entende mais nada.

Em *UFC LGBT*, o treinador fala para o lutador que este perdeu o primeiro *round* e não deu um soco no adversário. O lutador então diz que não está conseguindo, porque gosta do adversário “como homem”. Para resumir, o técnico manda o lutador perder logo e deixar o adversário comemorar com o namorado dele. Por essa razão, o lutador fica enfurecido e parte para a disputa. A intenção notória é brincar com uma prática que é tradicionalmente dominada pelo estereótipo do macho. Em um momento, chega-se a fazer referência à excitação que ocorre na luta de UFC, devido ao contato corporal, em alusão ao lutador de greco-romana que ejaculou em contato com o corpo do adversário. A imagem circulou o mundo pelas redes sociais, mas não passou pelo filtro dos veículos de comunicação em sua cobertura esportiva. O modelo de transmissão todos-para-todos garante o alargamento na discussão sobre sexualidade. Há muitos outros vídeos do Porta dos Fundos que fazem um ataque frontal à homofobia, mas essa não nos parece a intenção principal desse coletivo, que já conta com um vasto repertório de cenas curtas do cotidiano.

Nos seus estudos sobre o humor e a ironia, Eco (2006) utiliza o teatro de Pirandello para argumentar que o cômico nasce da percepção do contrário, citando o exemplo de uma senhora que se maquia para parecer jovem. Ele avalia, de maneira dicotômica, que da oposição entre velhice e juventude surge o riso. Condenações ao humor têm surgido em nome de Umberto Eco, mas muitas delas são, de fato, falas do personagem conservador Jorge de Burgos, do livro *O nome da Rosa* (2011), que trava um duelo com o liberal Guilherme de Baskerville acerca do pensamento de Aristóteles sobre o riso. Esse tipo de humor, citado por Eco a partir da obra de Pirandello, é aquele que Aristóteles, Horácio e Longino (2005) definem como uma forma de ódio, que é o mesmo que se pratica em um programa televisivo como o *Zorra Total*, da Rede Globo. É o humor do bode expiatório (BERGSON, 2001), cujo alvo é a pessoa que se encontra em uma posição de desprestígio social ou em situação desfavorável.

No caso do programa da Globo, são os gays, as lésbicas, os negros, as mulheres, os pobres, os moradores de comunidade de vulnerabilidade social. Denomina-se bode expiatório, porque esse tipo de riso é, de certa forma, um alívio, uma descarga de felicidade por não se estar no lugar da pessoa desqualificada da qual se ri. Eco completa dizendo que o riso também confere a quem ri uma sensação de superioridade. Na internet, encontramos uma variedade desses vídeos, mas os citados neste texto foram selecionados por conterem a ideia de que o gênero é uma construção social do sexo, uma abstração, que gera efeitos de aprisionamento do corpo. Também fugimos da tentação corrente de considerar a era digital como a da exposição radical da intimidade, por considerarmos a intimidade uma entidade resistente à exibição e por acreditarmos que elementos de linguagem e *mise-en-scène* produzem sentidos virtuais e paralelos a tudo que está sendo mostrado.

Referências

- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. *Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- BAUDRILLARD, Jean. *Telemorfose*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- BERGSON, Henri. *O riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BLANCHOT, Maurice. *A comunidade inconfessável*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Lumme, 2003.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira L. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- COLLING, Leandro. *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: Editora da UFBA, 2011.
- ECO, Umberto. *Entre a mentira e a ironia*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Genealogia da ética, subjetividade: ditos e escritos*. v. IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FREUD, Sigmund. *O estranho*. In: FREUD. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- HABERMAS, Junger. *Teoría de la acción comunicativa I: racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid: Taurus, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- JOHNSON, Steven. *A cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996a.
- LÉVY, Pierre. *Inteligência coletiva*. São Paulo: Loyola, 1996b.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2008.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- RESENDE, Luiz Augusto. *A microfísica do documentário*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

RUSH, Michael. *Novas mídias na arte contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

TRIGO, Luciano. *A vida como um espetáculo sem fim*: entrevista com Paula Sibília, publicada em 18 de novembro de 2008, no blog *Máquina de escrever*: um olhar crítico sobre cinema, literatura e artes plásticas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/11/18/a-vida-como-um-espetaculo-sem-fim/>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

VIRILIO, Paul. *Guerra e cinema*. São Paulo: Boitempo, 2005.

VIRILIO, Paul. *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.